



EDUCAÇÃO E COTIDIANO ESCOLAR: OS DESAFIOS DOS DOCENTES NA CONSTRUÇÃO DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERCULTURAIS

EDUCATION AND SCHOOL DAILY LIFE: TEACHERS' CHALLENGES IN THE
CONSTRUCTION OF INTERCULTURAL PEDAGOGICAL PRACTICES

EDUCACIÓN Y COTIDIANO ESCOLAR: LOS DESAFÍOS DE LOS DOCENTES EN
LA CONSTRUCCIÓN DE PRÁCTICAS PEDAGÓGICAS INTERCULTURALES

Antonieta da Paixão Santos ¹

Resumo

O presente artigo tem por objetivo abordar os desafios dos docentes na construção de práticas pedagógicas interculturais na perspectiva do cotidiano escolar. No que se refere ao método, trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratória, envolvendo levantamento bibliográfico, tendo como referência material já publicado, constituído, principalmente, por livros, artigos científicos de periódicos disponibilizados na Internet. O referencial teórico utilizado tem por base Candau (2008, 2010, 2011 e 2016). Ao trabalhar a relação entre esses três vértices - cotidiano escolar, desafios dos docentes e práticas pedagógicas interculturais - percebemos a necessidade de articular políticas de igualdade e políticas de identidades, que têm sido uma preocupação fundamental tanto de instâncias governamentais quanto de movimentos sociais, organizações não governamentais e outros atores da sociedade civil, ao passo que entendemos, no entanto, que, no âmbito da educação escolar, é possível detectar uma sensação de impotência, pois não sabemos como lidar positivamente com essas questões. No interior desta perspectiva, percebe-se a dificuldade de se embrenhar na problemática da interculturalidade, entendendo ser o desafio da escola trabalhar a diversidade.

Palavras-chave: Interculturalidade; Diferença; Igualdade; Escola.

Abstract

¹Especialização em Metodologia do Ensino da Geografia pela Faculdade Regional de Filosofia, Ciências e Letras de Candeias (2016). Especialização em Gestão de Pessoas pela Faculdade Zacarias de Góis (2009). Especialização em Gestão, Supervisão e Orientação Educacional pela Universidade Cândido Mendes (2015). Graduação em Programa Especial de Formação Docente em Geografia pela Faculdade Regional de Filosofia, Ciências e Letras de Candeias(2016). Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade de Ciências Educacionais (2006). Professora da Rede Municipal de Igrapiúna e atualmente Secretária de Educação.

E-mail: antonieta_paixao@hotmail.com

ORCID: 0000-0002-9947-1608

This article aims to address the challenges faced by teachers in the construction of intercultural pedagogical practices from the perspective of everyday school life. Regarding the method, it is a qualitative research, of an exploratory nature, involving a bibliographic survey, having as reference material already published, consisting mainly of books, scientific articles from periodicals available on the Internet. The theoretical framework used is based on Candau (2008, 2010, 2011 and 2016). When working on the relationship between these three vertices - school routine, challenges for teachers and intercultural pedagogical practices - we realized the need to articulate equality policies and identity policies, which have been a fundamental concern of both government bodies and social movements, non-governmental organizations government agencies and other civil society actors, while we understand, however, that, within the scope of school education, it is possible to detect a feeling of powerlessness, as we do not know how to deal positively with these issues. Within this perspective, it is perceived the difficulty of delving into the problem of interculturality, understanding that it is the school's challenge to work with diversity.

Key words: Interculturality; Difference; Equality; School.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo abordar los desafíos que enfrentan los docentes en la construcción de prácticas pedagógicas interculturales desde la perspectiva de la cotidianidad escolar. En cuanto al método, se trata de una investigación cualitativa, de carácter exploratorio, involucrando levantamiento bibliográfico, teniendo como referencia material ya publicado, constituido principalmente por libros, artículos científicos de periódicos disponibles en Internet. El marco teórico utilizado se basa en Candau (2008, 2010, 2011 y 2016). Al trabajar la relación entre estos tres vértices -rutina escolar, desafíos para los docentes y prácticas pedagógicas interculturales- nos percatamos de la necesidad de articular políticas de igualdad y políticas de identidad, que han sido una preocupación fundamental tanto de instancias gubernamentales como de movimientos sociales, no gubernamentales. organizaciones, agencias gubernamentales y otros actores de la sociedad civil, entendiéndolo, sin embargo, que, en el ámbito de la educación escolar, es posible detectar un sentimiento de impotencia, ya que no sabemos cómo enfrentar positivamente estos temas. Dentro de esta perspectiva, se percibe la dificultad de profundizar en el problema de la interculturalidad, entendiéndolo que es un reto de la escuela trabajar con la diversidad.

Palabras clave: Interculturalidad; Diferencia; Igualdad; Escuela.

1. Introdução

Ao abordar o cotidiano escolar, entendemos isso no que diz respeito às dimensões sociais, políticas e econômicas junto aos saberes, que calham nos processos pedagógicos e na própria concepção do sujeito da aprendizagem, a partir de uma perspectiva crítica de análise dos processos educacionais, privilegiando a categoria de classe social. Quanto aos saberes, são produções dos

diferentes grupos socioculturais, estando referidos às suas práticas cotidianas, tradições e visões de mundo, que podemos conceber como sendo particulares e assistemáticos. Esta concepção não supõe que as consequências destas perspectivas nas práticas pedagógicas tenham sido cada vez mais levadas em consideração, permitindo ampliar o olhar sobre o cotidiano escolar.

No que se refere à escola, ela desempenha papel importante na perspectiva de reconhecer, valorizar e empoderar sujeitos socioculturais subalternizados e negados. E esta tarefa passa por processos de diálogo entre diferentes conhecimentos e saberes, incluindo a utilização de pluralidade de linguagens, estratégias pedagógicas e recursos didáticos, a promoção de dispositivos de diferenciação pedagógica e o combate a toda forma de preconceito e discriminação no contexto escolar. Neste jeito de pensar, entendemos que a educação promove uma política de universalização da escolarização, em que todos e todas são chamados a participar do sistema escolar, mas sem pôr em questão o caráter monocultural presente na sua dinâmica, tanto no que se refere aos diversos saberes como também ao próprio currículo e às relações entre os diferentes atores, às estratégias utilizadas nas salas de aula, aos valores privilegiados etc.

Isso nos leva de maneira não aligeirada aos desafios dos docentes, pondo em exigência problematizar diferentes elementos do modo como hoje, em geral, no sentido de podermos conceber nossas práticas pedagógicas.

Ao tratar sobre as práticas pedagógicas, colocamos no horizonte as relações entre direitos humanos, diferenças culturais e educação, tendo como perspectiva e base de sustentação a afirmação da dignidade humana num mundo que parece não ter mais essa convicção como referência radical. Nesse sentido, trata-se de afirmar uma perspectiva alternativa e contra-hegemônica² de construção social, política e educacional. Os diversos e complexos desafios enfrentados reafirmam a relevância do caminho coletivamente construído. A experiência vivida por educadores(as) exige uma contínua busca para trabalhar a coerência entre a perspectiva intercultural e as práticas concretas da sala de aula.

² “O que é considerado contra hegemônico numa parte do mundo ou para um determinado grupo social pode ser considerado hegemônico noutra parte do mundo ou para outro grupo social.” SANTOS, Boaventura de Souza. *Se Deus fosse um ativista de direitos humanos*. São Paulo: Cortez, 2013

Ainda sobre as práticas pedagógicas, temos a compreensão de que é tempo de inovar, atrever-se a realizar experiências pedagógicas a partir de paradigmas educacionais “outros”, mobilizando as comunidades educativas na construção de projetos político-pedagógicos relevantes para cada contexto. Nesse horizonte, a perspectiva intercultural pode oferecer contribuições especialmente relevantes. A construção de práticas pedagógicas atravessadas pela perspectiva intercultural é existencialmente importante, pois se trata de uma mudança de ótica: ter como ponto de partida de toda prática pedagógica o reconhecimento das diferenças.

São recorrentes os destaques empíricos da dificuldade de lidar nas práticas pedagógicas com as diversas manifestações das diferenças de gênero, étnicas, de orientação sexual, geracional, sensório-motoras, cognitivas, entre outras. “Aqui são todos iguais”, é afirmado com frequência entre docentes quando se pergunta como lidam com as diferenças para significar que os dispositivos pedagógicos mobilizados são padronizados e uniformes. Igualdade e diferença são vistas como contrapostas, não como dimensões que mutuamente se reclamam.

Na reflexão pedagógica atual, defendemos a posição de que a diferença é constitutiva, intrínseca às práticas educativas, “está no chão da escola”, estando atualmente cada vez mais presente na consciência dos educadores e educadoras, integrando o núcleo fundamental de sua estruturação/desestruturação. Ter presente a dimensão cultural é imprescindível para potencializar processos de aprendizagem mais significativos e produtivos para todos os discentes. Neste ínterim, entendemos que:

O conceito de interculturalidade, entendendo ser este conceito central na (re)construção de um pensamento crítico – outro – um pensamento crítico de/desde outro modo, precisamente por três razões principais: primeiro, porque está vivido e pensado desde a experiência vivida da colonialidade [...]; segundo, porque reflete um pensamento não baseado nos legados eurocêntricos ou da modernidade; e terceiro, porque tem sua origem no sul, dando assim uma volta à geopolítica dominante do conhecimento que tem tido seu centro no norte global. (WALSH, 2005, p.25 apud CANDAU, 2008)

A perspectiva intercultural que aqui defendemos propõe uma educação para o reconhecimento do “outro”, para um diálogo entre os diferentes grupos sociais e culturais. Uma educação para o diálogo cultural, que enfrenta os tumultos incitados pela dissimetria de poder entre os diversos grupos socioculturais nas

nossas sociedades, é capaz de possibilitar a constituição de um projeto comum, pelo qual as diferenças sejam dialeticamente integradas. O ponto de vista intercultural está orientado à edificação de uma sociedade humanística, democrática e plural, que pronuncie ações concretas e objetivas de igualdade com respeito às diversas construções identitárias. Desta forma, entendemos que a interculturalidade é idealizada como um processo triangular formado pela eticidade, política e postura epistêmica. Sendo assim, os processos educativos são essenciais, sendo, por meio deles, combatidas as diferentes formas de desumanização, promovendo a construção de identidades e o fortalecimento de pessoas e grupos excluídos, favorecendo processos de construção coletiva na perspectiva de projetos de vida pessoal e de sociedades “outras” (WALSH, 2007 apud CANDAU; OLIVEIRA, 2010).

É nesse entendimento que temos como objetivo primário abordar os desafios dos docentes na construção de práticas pedagógicas interculturais na perspectiva do cotidiano escolar. Já na seara do nosso problema, construímos o mesmo sobre quais são os desafios dos docentes na construção de práticas pedagógicas interculturais no cotidiano escolar?

Na minha trajetória durante vinte três anos como educadora, vários desafios foram vivenciados em sala de aula. Durante esse processo, pude vivenciar várias situações, que contribuíram de forma positiva para meu crescimento profissional. Diante das experiências vividas, a prática pedagógica vem sendo desafiadora, devido a seu processo ser possivelmente lento e a sala de aula ser heterogênea e dinâmica. A partir da diversidade cultural no convívio escolar, nota-se a importância de pensar práticas pedagógicas interculturais. No que se refere à importância social desse artigo, nos posicionamos no contexto vivenciado pela sociedade atual, sendo necessário um olhar de inclusão para que os diversos sujeitos possam ser inseridos na sociedade e tenham seus direitos em permanente estado de conquista de garantias.

No campo da seara da relevância acadêmica, entendo que, pela necessidade de estudos e pesquisas, buscam-se alternativas para alcançar objetivos esclarecedores dentro da perspectiva de ensino-aprendizagem. Assim, este artigo possibilita, dentro do espaço acadêmico, o aprofundamento da temática, lançando luz a estudos futuros sobre práticas pedagógicas e interculturalidade.

No que se refere ao referencial teórico para a construção deste artigo, foram utilizados textos de Vera Maria Candau, Professora da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Educação, que têm os seguintes títulos: “Direitos humanos, educação e Interculturalidade: As tensões entre igualdade e diferença” (2008); “Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas” (2011); “Cotidiano escolar e práticas interculturais.”(2016); “Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil” (2010). Estes textos têm vinculação ao trabalharem de maneira articulada educação, interculturalidade e cotidiano escolar.

No campo do método, esta é uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório, pois objetiva a maior familiaridade com o problema, tornando-o explícito, uma construção de hipóteses envolvendo levantamento bibliográfico. Este levantamento tem como referência material já publicado, constituído, principalmente, por livros e artigos científicos publicados em periódicos.

Esta pesquisa pode ser caracterizada como qualitativa, ao considerar a existência de uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito, que não pode ser traduzido em números. Assim, iniciamos a primeira seção abordando as práticas pedagógicas e a interculturalidade para depois tratarmos das inferências sobre o cotidiano escolar e discutirmos, por fim, os desafios dos docentes na interculturalidade.

2. Práticas pedagógicas e interculturalidade

Na perspectiva da problemática da interculturalidade e sua relação com práticas pedagógicas, abordaremos aqui inicialmente o primeiro conceito na compreensão de Walsh (2007 apud CANDAU; OLIVEIRA 2010), entendendo que o prefixo *inter* significa puramente o ato de apreender, do universal, uma peculiaridade hegemônica, cuja origem está na modernidade, tratando-se desta forma de uma atitude que realça uma percepção hierárquica que reafirma o etnocentrismo europeu. A perspectiva de Walsh sobre interculturalidade é assim traçada:

Uma construção de e desde os grupos/comunidades que têm sofrido uma história de submissão e subalternização. Uma proposta de um projeto político que também pode implicar uma aliança com pessoas e grupos que, de igual forma, buscam alternativas à globalização neoliberal e à

racionalidade ocidental, e que lutam tanto para a transformação social como para criar condições do poder, do saber e do ser muito diferentes. Pensada desta forma, a interculturalidade crítica não é um processo ou projeto étnico, nem um projeto da diferença em si mesma. É um projeto de existência, de vida (WALSH, 2007, p.08 apud CANDAU; OLIVEIRA, 2010, p.28).

A interculturalidade não pode ser diminuída a determinadas circunstâncias e/ou atividades efetivadas em ocasiões específicas, tampouco focar com exclusividade em alguns grupos sociais. Trata-se de um aspecto global como os diferentes campos em que ela se faz fluir. No que diz respeito à escola, afeta a seleção curricular, o cotidiano escolar, as linguagens, as práticas pedagógicas, as atividades extraclasse, o papel do/a professor/a, a relação com a comunidade etc. A perspectiva intercultural deseja promover uma educação para o (re)conhecimento do outro e também o diálogo entre os diversos grupos socioculturais. Uma educação para o diálogo cultural, o que supõe exercitar o que Boaventura Souza Santos denomina de hermenêutica diatópica³. Nesse entendimento, há um afetar sobre todos os atores e todas as dimensões do processo educativo, assim, interculturalidade, no primeiro contexto educativo, refere-se à relação entre diferenças culturais e direitos humanos. Partimos do ponto de vista de que a relação entre questões sobre justiça, superação das desigualdades e democratização de oportunidades e aquelas que dizem respeito ao reconhecimento de diferentes grupos socioculturais se faz cada vez mais estreita.

Já a segunda afirmação tem a ver com a relação entre multiculturalismo e interculturalidade. Assumimos a posição que propõe um multiculturalismo aberto e interativo, que acentua a interculturalidade por considerá-la a mais adequada para a construção de sociedades democráticas, que articulem políticas de igualdade com políticas de identidade. Um terceiro eixo articulador tem sido particularmente o que se refere à educação escolar, a afirmação de que somos chamados a construir

3 “A hermenêutica diatópica baseia-se na ideia de que os topoi de uma dada cultura, por mais fortes que sejam, são tão incompletos quanto a própria cultura a que pertencem. Tal incompletude não é visível do interior dessa cultura, uma vez que a aspiração à totalidade induz a que se tome a parte pelo todo. O objectivo da hermenêutica diatópica não é, porém, atingir a completude — um objectivo inatingível — mas, pelo contrário, ampliar ao máximo a consciência de incompletude mútua através de um diálogo que se desenrola, por assim dizer, com um pé numa cultura e outro, noutra. Nisto reside o seu carácter dia-tópico.” SANTOS, Boaventura de Sousa. As tensões da modernidade. Disponível em < <http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/boaventura/boaventura4.html>) Acessado em 07 de setembro de 2022.

novos “formatos” escolares, que respondam aos desafios sociais, culturais e educacionais que enfrentamos hoje. Desta forma assim entendemos que:

A Educação Intercultural parte da afirmação da diferença como riqueza, promovendo processos sistemáticos de diálogo entre diversos sujeitos – individuais e coletivos –, saberes e práticas na perspectiva da afirmação da justiça – social, econômica, cognitiva e cultural. (CANDAUI, 2016, pp. 808-809)

Aqui nos situamos no campo das práticas pedagógicas, que entendemos se referirem a algo além da prática didática, abrangendo desde as circunstâncias da formação e os espaços-tempos escolares, até as opções da organização do trabalho docente, juntamente com as parcerias e expectativas do docente. Para Paulo Freire (1987), em "*Pedagogia do Oprimido*", as práticas pedagógicas têm por objetivo ensinar o aluno a "ler o mundo" para poder transformá-lo, sendo necessário compreender praxiologicamente que os elementos envolvidos na prática pedagógica formam um triângulo constituído pelos seguintes vértices: conteúdo, professor e aluno. Esses elementos configuram uma unidade sem possibilidade de separação, de relações orgânicas, sendo um procedimento coordenado pelas ações do docente, ancorado no protagonismo discente.

Temos o entendimento da necessidade de (re)analisar as culturas das diversas nações, interrogando as edificações oficiais da cultura nacional. Nesta perspectiva, três guias metodológicas parecem capitais. A primeira é que, não sendo nenhuma cultura autoexistente, suas fronteiras jamais coincidem com as fronteiras do Estado, desta forma entendemos que o princípio da soberania do Estado não tem uma correspondência no campo da cultura. A segunda é que, não sendo autoexistente, nenhuma cultura é indiscriminadamente aberta, tendo, pois, aberturas específicas, dilatações, interpenetrações, interconexões singulares, que, por fim, são o que de mais oportuno há nela. Por último, a terceira guia metodológica é que a cultura de um determinado grupo social não é nunca uma essência, sendo, pois, uma autocriação, um diálogo de sentidos que acontece no mundo global e que, como tal, é incompreensível sem a análise do movimento histórico e a disposição desse grupo no sistema mundo. Justapostas à cultura brasileira, estas orientações significam muito resumidamente: inicialmente, a cultura brasileira não se esgota na cultura dos brasileiros e, vice-versa; posteriormente, as aberturas peculiares da cultura brasileira são, por um lado, a Europa e, por outro, o Brasil e, até

certo ponto, a África. Em terceiro lugar, a cultura brasileira é a cultura de um país que ocupa uma posição semiperiférica⁴ no sistema mundial.

E é nesse contexto que nutrimos a esperança numa educação e numa escola que peregrine na perspectiva do diálogo, que considere relevante o 'outro', que valorize o diferente, legitimando, assim, o ponto de vista da interculturalidade e a promoção de uma educação que, por meio do diálogo, propicia (re)conhecer diferentes grupos sociais e culturais e que "[...] enfrenta os conflitos provocados pela assimetria de poder entre os diferentes grupos socioculturais nas nossas sociedades, sendo capaz de favorecer a construção de um projeto comum, pelo qual as diferenças sejam dialeticamente integradas". (CANDAU, 2009, p.78)

Tendo em vista essa compreensão, é necessário que haja ambiência em permanente construção para que diferentes culturas estejam presentes, amparadas e trabalhadas na práxis; é necessário que as diversas classes sociais e culturais se sintam incluídas, percebendo que as diferenças são incluídas e potencializadas, sendo necessário que as diferentes práticas pedagógicas sejam respeitadas e apreciadas. É importante e necessária a construção de práticas pedagógicas que, por meio da práxis, criem espaços para o diálogo cultural, enfrentando os desafios da assimetria, e caminhem na direção de um projeto em que as diferenças estejam sucessiva e dialeticamente proferidas. Como afirma Candau:

Esta perspectiva ainda está em gestação de forma muito tímida e frágil, e os desafios para processos educativos são muitos, mas acredito que seja possível caminhar nesta direção, fazendo do diálogo intercultural um eixo fundamental para reinventarmos a escola e construir permanentemente saberes, valores e práticas compartilhadas pelos diferentes grupos socioculturais presentes numa sociedade determinada. (CANDAU, 2009, p. 60)

Tudo isso é uma novidade na escola e representa o que se chama de boas novas, sendo o grande desafio de toda sociedade cumprir, ao menos em parte, o

⁴ "O conceito de semiperiferia foi formulado por I. Wallerstein como categoria intermédia entre as categorias polares do sistema mundial: os países centrais e os países periféricos. Este conceito nunca foi aprofundado por Wallerstein e não tem passado de um conceito descritivo, vago e negativo. Descritivo, porque o seu conteúdo teórico é bastante reduzido e pouco mais que analógico." SANTOS, Boaventura Souza. Estado e sociedade na semiperiferia do sistema mundial: o caso português. Disponível em <http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/pdfs/Estado_e_sociedade_Analise_Social.PDF> Acessado em 07 de setembro de 2022.

sonho de Comenius⁵: ensinar tudo a todos, trilhando um pouco mais na administração de criar perspectivas para ensinar/aprender/ensinar com todos e todas em processos cada vez mais engajados e produtores de emancipação e inclusão. Necessitamos, pois, construir práticas pedagógicas interculturalmente entrelaçadas.

3. Inferências sobre o cotidiano escolar

Tratar do cotidiano escolar nos remete de forma célere ao “formato” escolar, que continua sob a égide dominante a partir dos referentes da modernidade, que são naturalizados e terminam por ser essencializados. Parece que há uma exclusiva e única maneira de se pensar o cotidiano escolar, seus espaços e tempos, sua lógica de organização curricular, sua dinâmica e até mesmo sua decoração e linguagem visual. Tudo aparentemente concorre para afirmar a homogeneização e a uniformização. Entendemos que tão somente avançaremos na constituição de uma qualidade adequada aos tempos atuais se discutirmos e transgredirmos essa lógica. Ressaltamos que já existem nos sistemas educativos experiências “insurgentes”, que assinalam para outros paradigmas escolares no que tange ao que se concebe e tem relação com o cotidiano escolar, desde outras formas de organizar os currículos e os espaços e tempos da escola, passando pelo labor docente e pelas mais variadas relações entre discentes e suas famílias e as comunidades, até a concepção de gestão, enfatizando as práticas tanto coletivas como pedagógicas, a partir de um amplo conceito da pluralidade de sala de aula. Entretanto, esses ensaios permanecem periféricos, pois não são adequadamente visibilizados, nem profundamente amparados. Entendemos ser fundamental “Reinventar a escola” (CANDAU, 2000)⁶ para poder se contrapor aos desafios da sociedade em que

⁵ “Comenius viveu na Europa Renascentista entre os séculos XVI e XVII, é um dos grandes cristãos de que pouco se ouve falar como tal. Ele foi um autor além de seu tempo, pois viveu num período de transição entre a idade média e a moderna, e conseguiu com precisão traduzir para o cenário educacional as mudanças políticas econômicas e sociais. Ele conseguiu ver na escola o que muitos ainda não viram, que ela deve despertar nas pessoas o prazer pelo estudo, pelo conhecimento, pela vida. Para o Pedagogo Comenius, Teologia e Pedagogia dependem uma da outra e, devido a isso, Comenius enfatiza tanto a questão divina em sua obra Didática Magna [...] OLIVEIRA, Cassiane de Nazaré da Silva. Comenius e a educação para todos. Disponível em < <https://www.fernandosantiago.com.br/comenius.pdf> > Acessado em 06 de setembro de 2022.

⁶ O termo “Reinventar a Escola” é o título de um livro organizado por Vera Maria Candau em 2000.

convivemos. Não cremos na padronização, em currículos hegemônicos e despersonalizados em expectativas que diminuem o direito à educação. Temos esperança no potencial dos (das) educadores(as) para construir propostas educativas tanto coletivas e quanto diversas. É tempo de inovação, postulando e construindo transgressões, tendo em vista experiências de práticas pedagógicas a partir de paradigmas educacionais “outros”, mobilizando as comunidades educativas na construção de projetos político-pedagógicos relevantes para cada contexto. Nesse horizonte, a perspectiva intercultural pode oferecer contribuições especialmente relevantes.

Cotidiano escolar é a expressão que se vincula especialmente ao que tange às dimensões sociais, econômicas e políticas que calham nos processos pedagógicos e na própria concepção do sujeito da aprendizagem, sob uma perspectiva crítica de análise dos processos educacionais, privilegiando a categoria de classe social. O cotidiano escolar tem relação uterina com os diversos saberes, que são produções dos diferentes grupos socioculturais, estando referidos às práticas cotidianas, tradições e visões de mundo. São concebidos como particulares e assistemáticos. Esta compreensão não supõe que as consequências destas perspectivas nas práticas pedagógicas tenham sido cada vez mais levadas em consideração. Esta perspectiva permite ampliar o olhar sobre o cotidiano escolar, especialmente no que diz respeito às citadas dimensões que incidem nos processos pedagógicos e na própria concepção do sujeito da escola, tendo esta concepção papel importante na perspectiva de reconhecer, valorizar e empoderar sujeitos socioculturais subalternizados e negados.

Esta empreitada passa por processos de diálogo entre diferentes conhecimentos e saberes, incluindo a utilização de pluralidade de linguagens, estratégias pedagógicas e recursos didáticos, a promoção de dispositivos de diferenciação pedagógica e o combate a toda forma de preconceito e discriminação no contexto escolar.

O cotidiano escolar é um espaço-tempo complexo de interações e interconexões, com fronteiras de construção identitárias e estilos, sendo que, desta forma, esses sujeitos tendem a transformar os espaços físicos em espaços sociais e culturais.

4. Uma abordagem sobre os desafios dos docentes na interculturalidade

Certos desafios atravessam a educação sob um ponto de vista intercultural, que consiste numa admissível reconstrução, na perspectiva de adentrar a orbe de preconceitos que saturam as relações sociais que conformam as conjunturas em que convivemos e peregrinam para uma outra significação dos direitos humanos e construção da concepção intercultural das políticas emancipatórias engajadas e libertárias. Entendemos esta concepção como um “um processo dinâmico e permanente de relação, comunicação e aprendizagem entre culturas em condições de respeito, legitimidade mútua, simetria e igualdade”. (WALSH, 2001 apud CANDAU, 2008, p.52).

Com respaldo nesse olhar de Walsh, convidamos Grillo (2004, p.78), que assim diz: “A docência envolve o professor em sua totalidade; sua prática é resultado do saber, do fazer e principalmente do ser, significando um compromisso consigo mesmo, com o aluno, com o conhecimento e com a sociedade e sua transformação.” A complexidade da concepção intercultural é aberta e põe diversos desafios à escola atual, desde a infraestrutura até os estudantes e professor(a) em sua práxis e cotidianidade.

Perante esse arranjo, é possível averiguar a urgência de adotar e apreciar as diferenças, por se tornarem imprescindíveis e capitais na dinâmica escolar. Destacamos a relevância do aspecto cultural como uma forma de ampliar métodos de aprendizagem expressivos e fecundos para os sujeitos enredados na esfera escolar, com querelas e assuntos alusivos aos seus direitos.

Tendo o entendimento de uma sociedade dividida em classes sociais com interesses antagônicos, a sociedade capitalista, afirmamos que a educação é um ato político, não estando apartada da sociedade; pelo contrário, está submetida à sociedade na qual se insere. Sendo a sociedade dividida em classes, cujos interesses são antagônicos, a educação vincula-se aos interesses da classe dominante.

Encaminhamo-nos aqui pela problematização dos diferentes meios do modo como atualmente, em geral, idealizamos as práticas pedagógicas e sociais.

Os parentescos entre as diferenças culturais e educação alocam-nos no horizonte da afirmativa da eticidade num mundo que aparentemente não tem essa compreensão como referência existencial. A experiência vivida por educadores(as) exige uma permanente procura por trabalhar a coesão entre a interculturalidade e as práticas pedagógicas. Estas práticas vêm acordando sobre a relevância do tempo de criar, colocando-se na transgressão da realização de experiências pedagógicas alternativas, tendo em perspectiva outros paradigmas educacionais, movimentando as diversas comunidades educativas na constituição de projetos político-pedagógicos marcantes para cada conjuntura. Nesse entendimento, o ponto de vista da interculturalidade pode proporcionar subsídios notadamente proeminentes. A edificação de práticas pedagógicas perpassadas pela interculturalidade trata de uma mudança de olhar, pois tem como ponto de partida o reconhecimento das diferenças e a superação das desigualdades. Seguramente trata-se de outra forma de contemplar a prática pedagógica, que não é simples e julga pôr em desconstrução a via homogeneizadora tão atual na configuração da denominada cultura escolar.

São recursivas as evidências empíricas da dificuldade de lidar nas práticas pedagógicas com as diversas revelações das diferenças de gênero, étnicas, de orientação sexual, sensório-motoras, cognitivas, entre outras. “Aqui são todos iguais” - expressão muito usada por professores (as) quando perguntados (as) como laboram com as diferenças, para denotar que os aparelhos pedagógicos movimentados são uniformizados e regulares. Diferença e igualdade são aqui percebidas em contraposição, não como grandezas que recíproca e dialeticamente se sustentam.

A práxis pedagógica hodierna e, singularmente, a didática, esfera na qual Candau (2000, 2008, 2009, 2010, 2011 e 2016) trata, em seus trabalhos, da inquietação com as diferenças culturais, percebida amiúde como algo “exógeno”, ultimamente coligado a este campo, constituem um corpo forasteiro às suas preocupações, de algum jeito, responsável por mirar seu olhar para dimensões consideradas não articuladas ou fracamente relacionadas às questões principais que organizam as práticas pedagógicas na cotidianidade da escola. Entretanto, defende a posição de que a diferença é uma característica inerente às práticas

educativas, “está no chão da escola”, como afirma Candau (2008) a partir de uma entrevista com uma professora, estando na atualidade cada vez mais presente na consciência dos (as) educadores (as), integrando o núcleo basilar de sua estruturação/desestruturação. Apresentar a estatura cultural é indispensável para potencializar processos de ensino-aprendizagem mais expressivos e fecundos para todos os estudantes indistintamente.

A perspectiva intercultural que a autora defende é no sentido de promover uma educação para o reconhecimento do “outro”, para o diálogo entre os diferentes grupos sociais e culturais; uma educação para o diálogo cultural, que enfrenta os conflitos provocados pela assimetria de poder entre os diferentes grupos socioculturais nas nossas sociedades, capaz de propiciar a construção de um projeto comum, pelo qual as diferenças sejam dialeticamente integradas. A perspectiva intercultural está orientada à construção de uma sociedade democrática, plural, humana, articulando políticas de igualdade e políticas de identidades, tendo sido uma preocupação fundamental tanto de instâncias governamentais quanto de movimentos sociais, passando por organizações não governamentais e outros atores da sociedade civil. No entanto, no âmbito da educação escolar, é possível detectar uma sensação de impotência, de não sabermos como lidar positivamente com essas questões. Em pesquisa realizada por Candau (2008), um professor afirmou: “as diferenças estão bombando na escola e não sabemos o que fazer”. As diferenças culturais são muitas vezes percebidas como problemas que a escola precisa resolver e estamos muito distantes de encará-las como prerrogativa pedagógica, pois assim afirma Emilia Ferreiro (apud Lerner 2007, p.7) que é necessário “transformar a diversidade conhecida e reconhecida em uma vantagem pedagógica”.

Para se permitir penhor dessa ação, investe-se na gestão dos sistemas de ensino-aprendizagem, partindo da pressuposição de que ela admite o domínio e o monitoramento do processo como um todo, identificando seus pontos precários e investindo na realização e na operosidade do sistema.

Não podemos conceber o processo educacional como ensino de conhecimentos específicos, pois educar fica assim reduzido a ensinar e este a instruir, sendo, pois, um preparar para ter êxito em exames uniformizados.

Esse processo finda reduzindo a educação a questões puramente operacionais, sendo estas questões centralizadoras das discussões sobre políticas públicas. Os temas referentes ao sentido da educação escolar e seu contorno historicamente arquitetado não são amplamente discutidos, por mais que os desafios encarados por escolas e professores(as) se multipliquem e proporcionem, em ocorrências emblemáticas, atitude dramática.

Considerações finais

Articular políticas de igualdade e políticas de identidades tem sido uma preocupação fundamental tanto de instâncias governamentais quanto de movimentos sociais, organizações não governamentais e outros atores da sociedade civil. No entanto, no âmbito da educação escolar, é possível detectar uma sensação de impotência, de não sabermos como lidar positivamente com essas questões.

No interior desta perspectiva, percebe-se dificuldade para se embrenhar na problemática da interculturalidade, a qual se refere à polissemia do termo. E o imperativo de adjetivá-lo corrobora essa realidade. Expressões como interculturalidade conservadora, liberal, crítica, emancipatória, revolucionária podem ser localizadas na discussão sobre o tema e se ampliam sucessivamente. Sobre essas questões acerca da diferença e igualdade no campo da interculturalidade, Santos (2003, p. 56) nos diz:

[...] temos o direito a ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito a ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades.

A educação, tanto formal com não formal, apresenta um relevante aporte para possibilitar uma transformação numa sociedade que debate as diferenças culturais, expondo a necessidade de reconhecer a legitimidade dessas diferenças. Desta forma, é indispensável existir, no domínio escolar, ambiente para discussão e estudos de tópicos que abarquem demandas interculturais, pois diferenças, por vezes, podem suscitar tensões e burburinhos. O desafio da escola antevê

um labor com a diversidade, ou seja, uma escola que esteja disposta a uma ação de contorno ativo com a heterogeneidade, que peregrine na esperança do diálogo, considerando sempre o protagonismo do 'outro', valorizando a diferença, buscando superar a desigualdade.

Somamos aqui que é preciso educar, ensinar e aprender de maneira intercultural, buscando aproveitar cada momento no processo de construção de uma sociedade justa e democrática, com recheio da fraternidade e sororidade, para assim (re)construirmos a escola, desconstruindo o ponto de vista homogeneizador, padronizador da forma escolar. Tudo isso vem junto com o questionamento da concepção dos currículos escolares promotores de uma visão unívoca do conhecimento, de caráter eurocêntrico, questionando a colonialidade existente nas culturas escolares. Torna-se imperioso o reconhecimento dos diversos saberes e fazeres contra-hegemônicos realizados e a realizar no cotidiano escolar, em geral, ignorados. Precisamos alocar no cerne de nossas investigações os grupos sociais subalternizados e invisibilizados, se desejarmos a promoção de uma educação intercultural, que seja crítica e propicia à intervenção educativa e social engajada e emancipatória.

REFERÊNCIAS

CANDAU, Vera Maria. **Reinventar a escola**. Petrópolis. Rio de Janeiro, Vozes, 2000.

CANDAU, V. M. **Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença**. REV. BRAS. EDUC. 13 (37) • ABR 2008. DISPONÍVEL EM < [HTTPS://WWW.SCIELO.BR/J/RBEDU/A/5SZSVWMVGSVPGNWC67BJTC/?LANG=PT](https://www.scielo.br/j/rbedu/a/5szsvwmvgsvpgnwc67bjtc/?lang=pt) > ACESSADO EM 06 DE SETEMBRO DE 2022.

CANDAU, Vera Maria (Org.). **Reinventar a escola**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas**. **Currículo sem Fronteiras**, v.11, n.2, pp.240-255, Jul/Dez 2011 Disponível em < www.curriculosemfronteiras.org > Acessado em 11 de setembro de 2022.



CANDAU, VERA MARIA FERRÃO; OLIVEIRA, LUIZ FERNANDES DE. **Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no brasil.** educ. REV. 26 (1). ABR 2010 DISPONÍVEL EM [HTTPS://WWW.SCIOLO.BR/J/EDUR/A/TXXBBM6FWLJYH9G9TQVQP4V/?LANG=PT](https://www.scielo.br/j/EDUR/A/TXXBBM6FWLJYH9G9TQVQP4V/?LANG=PT) ACESSADO EM 10 DE SETEMBRO DE 2022.

CANDAU, Vera Maria. **Educação em direitos humanos e diferenças culturais: questões e buscas.** Revista Múltiplas Leituras, v.2, n. 1, p. 65-82, jan. / jun. 2009. Disponível em < <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/ML/article/viewFile/328/326> > Acessado em 07 de setembro de 2022

CANDAU. Vera Maria Ferrão. **Cotidiano escolar e práticas interculturais.** **Cadernos de Pesquisa** v.46 n.161 p.802-820 jul./set. 2016. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/cp/a/GKr96xZ95tpC6shxGzhRDrG/?lang=pt&format=pdf>> Acessado em 14 de setembro de 2022

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GRILLO, Marlene. **O professor e a docência: o encontro com o aluno.** In: ENRICONE, D. (Org.) Ser professor. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 73- 89, 2004.

LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário.** Porto Alegre: Artmed, 2007.

OLIVEIRA, Cassiane de Nazaré da Silva. **Comenius e a educação para todos.** Disponível em < <https://www.fernandosantiago.com.br/comenius.pdf> > Acessado em 06 de setembro de 2022.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitanismo multicultural.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). **Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Se Deus fosse um ativista de direitos humanos.** São Paulo: Cortez, 2013

SANTOS, Boaventura Sousa. **Modernidade, identidade e a cultura de fronteira.** Tempo Social: Revista de Sociologia, São Paulo, v. 5, n. 1-2, p. 31-52, 1993.

SANTOS, Boaventura Souza. **Estado e sociedade na semiperiferia do sistema mundial: o caso português.** Disponível em < http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/pdfs/Estado_e_sociedade_Analise_Social.PDF > Acessado em 07 de setembro de 2022.



Manuscrito recebido em: 16 de setembro 2022.

Aprovado em: 13 de outubro de 2022.

Publicado em 13 de outubro de 2022.